

MARIA DO SAMEIRO BARROSO

Entrevistada por Maria Augusta Silva

MAIO 2014

Conheçam-lhe as paixões: medicina e escrita. Médica, poeta, ensaísta, tradutora. A poesia, sempre, com uma invulgar densidade metafórica («o meu impulso mais natural e imperioso»); uma imagética transbordante.

Distinguida com diversos galardões, *Uma Ânfora no Horizonte* conheceu o Prémio Internacional de Poesia Palavra Ibérica em 2009. É autora de mais de uma dúzia de obras. Maria do Sameiro Barroso, primorosa no modo como faz cruzar o corpo telúrico e a magia lunar no seu verbo poético, conta-nos nesta entrevista quase três décadas de poemas marcadas por «uma grande serenidade» e «a turbulência própria da minha personalidade».

Ao fim de quase três décadas de escrita poética como olha para a sua poesia?

Com uma grande serenidade, embora mantenha toda a turbulência própria da minha personalidade. Quando comecei a escrever achava que a arte é sempre o caminho mais difícil, mas se a vocação é muito forte temos que a seguir e fazer opções, por vezes dolorosas.

Que deu a poesia à médica (que também é) e a médica à criadora de poemas?

Difícil responder. Durante muito tempo a literatura e a medicina funcionavam em compartimentos estanques. Não sou a típica médica-escritora que reflecte a sua vivência médica na literatura. Numa carta que o Presidente da APE, José Manuel Mendes, me enviou, agradecendo, salvo-erro, o meu livro *Jardins-Imperfeitos* (1999), referiu uma coisa que para mim faz sentido e responde a alguns aspectos da pergunta: que havia uma consistência científica na minha poesia. Essa observação pareceu-me acertadíssima. A minha faceta científica e a experiência humana que a medicina proporciona devem-se reflectir de alguma forma no que escrevo, apesar de não ter consciência disso.

Nunca abandonou a investigação sobre a História da Medicina. O presente e o futuro, inclusive nas ciências médicas, podem continuar a aprender muito com o passado?

Adoro a História Antiga, aprendemos imenso com o passado e acho que uma leitura histórica do mundo nos torna mais modestos e sensatos. Há muita sabedoria de vida nas obras dos grandes médicos, assim como na literatura e nos ensinamentos religiosos. Por isso a cultura é o nosso bem mais precioso.

Vida e morte representam para a médica a mesma coisa do que para a escritora?

Não, não representa. Para a escritora a morte é, muitas vezes, uma metáfora de renovação. Não é fácil viver com toda a minha inquietação. A minha vida é feita de rupturas. Há muita coisa que tem de morrer porque outras precisam de nascer. Um processo doloroso mas inevitável. A visão biomédica ajuda, a coesão científica oferece-me alguma estabilidade e meios para lidar melhor comigo mesma. O médico, ao gerir em si o sofrimento e a morte dos outros, projecta-se, sofre, mas também aprende, expande-se e reforça-se. Editei e lançarei brevemente um livro a que chamei *As Suturas do Tempo* (Livros AEDO 2014) que expressa essa problemática.

O seu novo livro *A Noite Tem Garras de Seda* surge em forma de crónica revisitando as «ramagens da vida». Um desafio a si mesma no sentido de transmitir melhor a sua interioridade?

Sim. É uma revisitação da minha ligação à literatura. Escolhi talvez os momentos mais significativos de uma vocação muito forte que tive que seguir.

No livro de poesia *O Corpo Lugar de Exílio*, que editou recentemente, diz que «A arte do corpo é um tempo / sem limites.» Pode dar-nos a receita para essa arte?

Não, nem sei bem porque escrevi isso. Posso tentar explicar. Partimos do corpo, vivemos num corpo. Mas a arte projecta-nos no espaço ilimitado.

A intensidade metafórica que encontramos nos seus versos será uma pulsão natural ou um apuro na oficina da imagética?

O meu impulso mais natural e o mais imperioso de todos!

Telúrica e simultaneamente lunar, a sua poesia funda-se numa «chaga aberta» oculta na palavra?

Sim, claro. Durante muito tempo não conseguia enfrentar essa chaga. Agora aceito-a e desvendo-a ou transfiguro-a.

Poesia, um «dizer incompleto»?

Nunca dizemos tudo quando nos encontramos perante o silêncio.

Diversos galardões a têm distinguido, nomeadamente o Prémio Internacional de Poesia Palavra Ibérica. Isso aguça a vertigem da escrita ou leva-a a uma serena reflexão sobre o «significado dos frutos»?

Tudo me aguça a apetência pela escrita, porém nessa vertigem há espaço para parar, fruir e reflectir. Os prémios são, naturalmente, muito estimulantes. Esse Prémio abriu-me as portas para os poetas espanhóis que me acolheram muito bem.

Que sentiu ao saber que o seu livro *Poemas da Noite Incompleta* chegou a estar entre os selecionados para o Prémio Telecom, 2011, no Brasil?

Prestigiante.

Tem coordenado inúmeras antologias sobre poetas ímpares, como, por exemplo, António Ramos Rosa, Fiama e Albano Martins. Uma paixão pela obra de outros?

Sim. É um gesto de homenagem a poetas que admiro.

Memória mais impressiva que tenha de Ramos Rosa?

O seu olhar intenso e puro. E a liberdade interior que caracteriza os grandes criadores.

Acaba ainda de publicar um trabalho analítico em torno da vasta obra de Pedro Tamen. Que mais a fascina no autor de (entre outros), *O Livro do Sapateiro* e do tradutor de *Em Busca do Tempo Perdido*, de Marcel Proust?

Um poeta do desconcertante e isso fascina-me como se pode ver nalguns poemas sobre os quais me debrucei no livro.

A Maria do Sameiro tem-se dedicado igualmente à tradução, sobretudo de poesia alemã. De que poeta alemão se acha mais próxima?

Sinto grande afinidade com muitos poetas alemães, em particular os expressionistas, mas penso que Hölderlin, Rilke e Paul Celan são os meus eleitos.

Imagine-se a fazer uma grinalda, que flores escolheria?

Gosto de todas as flores no entanto escolheria as campestres, flores exóticas, e as mais perfumadas como os goivos, narcisos e açucenas.

E se fosse uma grinalda de poetas?

Escolher poetas de que gosto... Difícil dizer nomes porque não posso nomear todos. Escolheria talvez os que mais marcaram o meu percurso: Eugénio de Andrade, no início. Depois, Herberto Helder e

António Ramos Rosa. Houve fases pelas quais passaram ainda Almada Negreiros, Fiamma, depois o José Agostinho Baptista, o Albano Martins. Do Liceu e do curso de Germânicas, sempre Camões, também Pessoa, Camilo Pessanha, e os poetas ingleses e alemães. Os poetas surrealistas franceses são também muito do meu agrado. E adoro Mallarmé!

Um dia antigo constante nas suas lembranças?

Diria dois dias para amenizar o segundo:

Uma tarde a brincar com o meu irmão, no meu jardim, em Braga, e o dia terrível em que o perdi.

Que «paraísos» gosta de inventar?

Paraísos de liberdade, liberdade criativa, claro, em que posso inventar tudo, deixar fluir a minha fantasia e dar corpo às ideias mais estranhas que me vêm à cabeça. Depois, revejo...

Braga, seu berço: cordão umbilical perene?

Sou uma cidadã do mundo mas sinto-me mais inteira quando vejo a linha da minha vida a partir do meu recanto natal.

Se escrevesse hoje um poema de amor qual seria o primeiro verso?

Talvez o de um dos primeiros poemas que escrevi e nunca publiquei. Permita-me que cite um pequeno excerto:

*Se tivesse a possibilidade de mudar alguma coisa
ou alguém,*

não mudaria nem o sol, nem a noite, nem os teus cabelos.

Partiria.

(...)

O céu está guardado na memória

ou no fundo do mar.